



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes -100 anos da participação do Brasil na I GM

ANO 2018

Dezembro

Nº 299

A GUERRA DA CRIMEIA

Ricardo Caetano de Moraes, aluno da Unisul, SC

1 INTRODUÇÃO

Durante o século XIX, o Império Otomano vinha ficando cada vez mais enfraquecido. Minado por discórdias e rebeliões, os otomanos foram perdendo territórios através de intervenções de outras potências (como a Argélia, conquistada pelos franceses em 1830) ou por guerras de independência (como a Grécia, em 1821, apoiada pelos britânicos). A Áustria e a Rússia, vizinhos europeus e rivais históricos dos otomanos, também buscavam ativamente arrancar pedaços do Império agonizante. Essa decadência prolongada do Império Otomano tornou-se conhecida como a “Questão do Oriente”(1).

A crise que levaria à guerra começou como uma disputa pelo controle dos lugares sagrados cristãos na Palestina entre os religiosos católicos (apoiados pela França) e ortodoxos (apoiados pela Rússia). Os dois países tentaram sucessivamente forçar o sultão Abdul Mejid a declarar suas respectivas nações como “protetoras” de todos os cristãos no Império Otomano. O imperador Napoleão III enviou um navio de guerra para o Mar Negro e fez agressivas ações diplomáticas, fazendo o sultão se inclinar a seu favor. O czar Nicolau I reagiu movimentando tropas para a fronteira com os otomanos nos Principados do Danúbio (Moldávia e Valáquia, atualmente na Romênia) e enviando uma missão diplomática para Constantinopla, liderada pelo príncipe Menshikov, onde foram feitas exigências bastante agressivas, que incluíam o controle russo sobre todos os cristãos do Império(2). Aconselhado pelo embaixador britânico, em maio de 1853 o sultão rejeitou a proposta russa, que poderia comprometer a independência otomana.

2 A CAMPANHA

2.1 DANÚBIO

Em julho de 1853, 80 mil soldados russos cruzaram a fronteira otomana no rio Pruth e invadiram os Principados do Danúbio. O sultão declarou guerra à Rússia e enviou tropas para a região. Comandado por Omar Paxá, o exército otomano travou uma luta defensiva perto do Danúbio e conseguiu algumas

1 BARHAM, John, A journey through the Crimean War (chapter 1), Crimean War Research Society, disponível em: <<http://cwrs.russianwar.co.uk/cwrs-R-jbarham-chapter01.html>>, acesso em: 26 ago. 2018.

2 KINROSS, Patrick B., The Ottoman centuries: the rise and fall of the Turkish empire, New York: Perennial, 2002, p. 486–490.

vitórias, detendo o avanço russo em Silistra e Chetatea, que foram sitiadas. Enquanto isso, os austríacos reuniram um exército de 280 mil homens e o posicionaram na fronteira dos Principados.

Em novembro de 1853, a frota russa dirigiu-se a Sinope, na costa turca do Mar Negro, e afundou todos os navios otomanos que estavam ancorados no porto. Este ataque causou grande ultraje na Grã-Bretanha e na França⁽³⁾. Em fevereiro de 1854, os dois países apresentaram um ultimato à Rússia, exigindo o fim das hostilidades, a evacuação dos territórios ocupados e a livre navegação de navios de guerra nos Dardanelos e no Mar Negro. Embora oficialmente neutra, a Áustria também endossou estas exigências. A Rússia rejeitou o ultimato e a Grã-Bretanha e a França declararam guerra em março de 1854.

Os britânicos e franceses prepararam suas forças expedicionárias, comandadas respectivamente por Lorde Raglan e pelo marechal Saint-Arnaud. Os dois países eram aliados relutantes e divergiam em muitas questões importantes, como, por exemplo, a melhor estratégia para a guerra. Além disso, os dois aliados tinham péssima opinião sobre as competências e habilidades de cada um, a começar pelos seus comandantes – os franceses achavam Raglan ultrapassado, enquanto os britânicos consideravam Saint-Arnaud corrupto⁽⁴⁾.

Com receio do avanço russo em direção a Constantinopla, as tropas expedicionárias desembarcaram em abril em Galípoli, onde prepararam trincheiras e outras fortificações. Logo depois, deslocaram-se para Varna, mais ao norte, onde ficaram inativas por alguns meses.

Em maio de 1854, os austríacos moveram suas tropas para Vidin, próximo à Valáquia. Com receio de ter suas linhas de suprimentos cortadas, a Rússia assinou um protocolo com a Áustria, levantou os sítios e retirou suas tropas dos Principados do Danúbio em julho. Os austríacos ocuparam os Principados logo a seguir, mantendo-se ali até o final da guerra.

2.2 CRIMEIA

Com o fim dos combates no Danúbio, o principal motivo para a guerra havia desaparecido. Para justificar sua mobilização, os aliados decidiram realizar um ataque à península da Crimeia. Uma força conjunta britânica, francesa e turca totalizando 60 mil homens desembarcou em Eupatoria em setembro de 1854 e marchou para o sul, em direção a Sebastopol, a principal base naval russa no Mar Negro.

Os russos haviam estabelecido suas defesas no rio Alma. Seu comandante, o príncipe Menshikov, garantia poder sustentar esta posição por três semanas, no mínimo.

Mesmo tendo dificuldades em coordenar seus ataques e sofrendo baixas desnecessárias, os aliados desbarataram completamente os russos em apenas três horas. O uso dos rifles Minié, com cano raiado e maior precisão de tiro, teve um efeito devastador e foi fundamental para a rápida vitória dos aliados⁽⁵⁾. Devido à recusa de Saint-Arnaud em perseguir os inimigos em fuga, os restos desmoralizados do exército russo conseguiram retornar para Sebastopol⁽⁶⁾. A cidade estava praticamente indefesa, mas a indecisão e a lentidão dos aliados permitiu que o brilhante tenente-coronel Todleben organizasse a construção de trincheiras e redutos fortificados, especialmente em Redan e Malakov⁽⁷⁾.

As defesas também foram reforçadas com canhões retirados de navios de guerra russos, parte dos quais foi afundada diante do porto para bloquear a passagem da marinha aliada.

Os aliados cercaram completamente a cidade por terra, com os britânicos estabelecendo sua base em Balaclava e os franceses em Kamiesh. Raglan preferia uma ação rápida contra Sebastopol, mas os aliados acabaram adotando a estratégia francesa, que previa um cerco prolongado e a aproximação gradual das defesas através de um sistema de trincheiras.

3 Ibid., p. 493–494.

4 FIGES, Orlando, *Crimea: the last crusade*, London: Penguin Books, 2011, p. 175–178.

5 Ibid., p. 214–215.

6 MAWSON, Michael H., *Military operations of the Crimean War: a brief summary*, Crimean War Research Society, disponível em: <<http://cwrs.russianwar.co.uk/cwrs-overview.html>>, acesso em: 23 ago. 2018.

7 KEEGAN, John; WHEATCROFT, Andrew, *Who's who in Military History: from 1453 to the present day*, London: Routledge, 1996, p. 291.

Em 17 de outubro, os aliados iniciaram um pesado bombardeio, por terra e por mar, mas atrasaram excessivamente seu ataque por terra. Dois dias depois, os russos moveram alguns dos seus canhões navais para as muralhas e equilibraram os combates.

Com poucas tropas, já debilitadas pelas primeiras epidemias de cólera, os aliados se espalhavam excessivamente pela frente de batalha.

Em 25 de outubro, os russos atacaram Balaclava, sendo detidos apenas por um esforço desesperado dos britânicos, que utilizaram até os feridos do hospital militar. Nesta batalha ocorreu o famoso episódio da carga da Brigada Ligeira, imortalizado num poema de Tennyson(8). Apesar de ter sido considerado como um exemplo de bravura militar e incompetência de comando, resultando num desperdício inútil de soldados, o ataque ajudou a deter a ofensiva e forçar a retirada inimiga. Mesmo assim, os russos recuperaram parte do terreno perdido no início do mês, incluindo a maioria dos redutos avançados britânicos(9).

Em 5 de novembro, os russos tentaram novo ataque para levantar o sítio de Sebastopol, que resultou na batalha de Inkerman. A luta se desenrolou sob intensa neblina e foi bastante caótica. Após cerca de quatro horas de combate, os britânicos e os franceses repeliram os russos, que perderam 12 mil homens, contra 3.400 baixas aliadas(10). A chegada do inverno e os problemas de abastecimento dos dois lados levou a uma suspensão dos combates em terra.

Na semana seguinte, um violento vendaval atingiu Balaclava, causando o afundamento de dezenas de navios de transporte, o que agravou seriamente o abastecimento das forças aliadas. A crença dos comandantes numa vitória rápida, a incompetência dos serviços de logística e as péssimas condições sanitárias causaram imensas baixas nos aliados, além de grande sofrimento nos sobreviventes, que tiveram que suportar temperaturas abaixo de zero acampados num terreno congelado sem roupas de inverno. Por exemplo, um regimento britânico de aproximadamente mil homens ficou reduzido a sete em janeiro de 1855(11).

Relatos regulares sobre a situação dramática dos soldados na Crimeia, publicados no *The Times* por William Russell, primeiro correspondente de guerra da história, causaram tremendo impacto na Grã-Bretanha. Uma das consequências foi a chegada de um grupo de enfermeiras voluntárias, organizado e dirigido por Florence Nightingale, cuja atuação logo reduziu drasticamente a mortalidade dos hospitais britânicos em Scutari, na Turquia(12).

Em janeiro de 1855, o Reino da Sardenha juntou-se aos aliados, enviando um contingente de 15 mil homens, comandados pelo general La Marmora, para participar do cerco de Sebastopol. O envolvimento da Sardenha na guerra foi uma ação política do primeiro-ministro Cavour visando conseguir o apoio francês para uma futura unificação italiana sob o rei Vítor Emanuel II(13).

Em fevereiro, as forças russas atacaram a base aliada em Eupatoria, onde um exército otomano tinha sido formado e estava ameaçando cortar as linhas de abastecimento inimigas. Os russos foram derrotados e sofreram milhares de baixas, muitas delas por exposição ao frio. A notícia da nova derrota foi terrível demais para Nicolau I. Com a saúde já abalada pela pressão de conduzir a guerra e cheio de remorsos pela grande mortandade que causara, o czar contraiu pneumonia e morreu em 2 de março. O novo czar, Alexandre II, embora mais liberal que seu pai, decidiu prosseguir a guerra da mesma maneira(14).

8 TENNYSON, Alfred, *The Charge of the Light Brigade*, in: *Maud, and other poems*, Project Gutenberg, disponível em: <<http://www.gutenberg.org/cache/epub/56913/pg56913.html>>, acesso em: 8 set. 2018.

9 FIGES, Crimeia, p. 242–254.

10 PALMER, Alan, *The Penguin dictionary of modern History, 1789-1945*, 2. ed. Harmondsworth, UK: Penguin Books, 1983, p. 152.

11 MAWSON, *Military operations*.

12 WEIR, Stephen, *O Departamento de Guerra contra a Dama da Lamparina: doença na Crimeia*, in: *As piores decisões da História e as pessoas que as tomaram*, Rio de Janeiro: Sextante, 2014, p. 73–77.

13 PALMER, *Dictionary of modern History*, p. 69–70.

14 FIGES, Crimeia, p. 321–326.

Enquanto isso, os ataques a Sebastopol prosseguiram, com uma ofensiva francesa a Mamelon fracassando com pesadas perdas e bombardeios intensos sendo realizados em abril, sem mudanças na situação geral.

Em maio, a marinha aliada penetrou no mar de Azov e destruiu todas as instalações portuárias e depósitos russos no litoral, eliminando qualquer ameaça naval russa e prejudicando gravemente o abastecimento de Sebastopol. Em 24 de maio, os aliados desembarcaram 15 mil soldados para atacar Kerch, a leste de Sebastopol, e abrir uma nova frente de batalha. No entanto, praticamente nenhum progresso foi feito. Os ataques navais aliados na região prosseguiram esporadicamente até setembro, incluindo um bombardeio em Kinburn, onde foram usados navios com casco de aço em combate pela primeira vez⁽¹⁵⁾. Novos bombardeios de artilharia foram feitos em Sebastopol em junho, seguidos de um ataque por terra, que conseguiu capturar Mamelon mas fracassou na tomada de Malakov. Abatido pelas mortandades seguidas e pelo novo fracasso aliado, Raglan morreu de problemas cardíacos em 28 de junho. Em agosto, os russos tentaram novo contra-ataque em Balaclava, que estava defendido por franceses, sardos e otomanos, resultando na batalha de Chernaya. Os russos foram fragorosamente derrotados e tiveram baixas imensas, enfraquecendo ainda mais a defesa de Sebastopol.

A ofensiva final contra a cidade começou com outro pesado bombardeio francês em 5 de setembro, seguido por assaltos aliados em 8 de setembro. Os franceses conseguiram tomar Malakov, enquanto os britânicos conquistaram Redan. Os russos não conseguiram retomar as posições perdidas e se retiraram para o norte, destruindo seus depósitos de munição. Sebastopol caiu em 9 de setembro, depois de um cerco de 337 dias. A queda da cidade foi festejada intensamente em Londres e Paris⁽¹⁶⁾.

As operações na Crimeia foram paralisadas pela exaustão dos dois lados e não houve mais atividades militares até o final da guerra. A destruição das instalações navais russas ocorreu no final de fevereiro de 1856, quando as docas e comportas foram dinamitadas.

2.3 BÁLTICO

Embora os aliados tivessem organizado a maior frota desde as guerras napoleônicas, as operações no Mar Báltico foram esporádicas, devido ao desinteresse de Napoleão III (que preferia se concentrar na frente da Crimeia) e à neutralidade da Suécia, o que impedia qualquer ofensiva sobre São Petersburgo.

Mesmo assim, os aliados realizaram alguns bombardeios navais em portos bálticos, destruindo instalações portuárias e navios mercantes, confinando a frota russa em Kronstadt (onde estava protegida pelas poderosas defesas navais) e bloqueando o comércio na região. Muito criticado pelos parlamentares britânicos, o bloqueio no Báltico prejudicou fortemente a economia russa, bastante dependente de importações, e provavelmente apressou o fim da guerra⁽¹⁷⁾.

O Cáucaso foi uma frente de batalha secundária na Guerra da Crimeia, e frequentemente foi influenciado pelos acontecimentos nas outras frentes.

No final de outubro de 1853, os otomanos e seus aliados muçulmanos na Geórgia lançaram um ataque noturno de surpresa e capturaram o forte de São Nicolau, ao norte de Batum. Dias mais tarde, um exército de 20 mil homens avançou em direção a Ardahan e Gyumri, mas foram derrotados com perdas pesadas. Os russos avançaram e os otomanos se concentraram na estrada para Kars. Para cortar o abastecimento dos otomanos e evitar a chegada de reforços por via marítima, a frota russa realizou o fatídico ataque a Sinope em novembro, que levaria à declaração de guerra da Grã-Bretanha e da França.

15 GRANT, Larry A., *Battle of Kinburn (October 17, 1855)*, in: *Russia at War: from the mongol conquest to Afghanistan, Chechnya, and beyond*, Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2015, v. 1, p. 418–420.

16 FIGES, *Crimea*, p. 392–397.

17 *Ibid.*, p. 195–196.

2.4 CÁUCASO

Após o início da guerra, os russos lentamente empurraram os otomanos em direção à fronteira em diversos confrontos. Os otomanos sofreram muitas perdas durante todo o ano, principalmente por deserções das tribos aliadas e epidemias.

Em junho de 1855, os russos sitiaram Kars. Os aliados consideraram o envio de uma expedição de resgate, mas descartaram essa possibilidade para concentrar seus esforços na tomada de Sebastopol.

Em setembro, com a queda de Sebastopol, um exército de 40 mil homens, liderado por Omar Paxá, desembarcou na costa da Geórgia e marchou para Kars. O comandante russo, general Muraviev(18), recebeu ordens do czar para tomar a cidade o quanto antes. Ele lançou um assalto à cidade no final de setembro, mas foi repellido, perdendo 8 mil homens. No final de outubro, outro exército aliado com 20 mil otomanos, comandado por Selim Paxá, marchou na direção de Erzerum. As estradas péssimas, os rigores do inverno e os problemas de logística retardaram muito o avanço dos otomanos. O sítio de Kars continuou e a cidade se rendeu em 8 de novembro, vencida pela fome. Ao saberem da queda de Kars, os exércitos otomanos recuaram e retornaram à Turquia.

Na visão de Alexandre II, a queda de Kars compensou a perda de Sebastopol. Uma vez que agora a Rússia tinha conquistado mais território do que os aliados, o czar entendeu que era chegada a hora de negociar a paz(19).

3 CONCLUSÃO

No final de 1855, todos os beligerantes estavam saturados de uma guerra que não conseguia chegar a nenhum resultado decisivo. Após longas negociações diplomáticas, finalmente foi assinado o Tratado de Paris em março de 1856. Segundo os termos do tratado, a Rússia restituía o território conquistado no Cáucaso à Turquia, ficava proibida de manter navios de guerra no Mar Negro e renunciava ao papel de protetora dos cristãos do Império Otomano. Além disso, a autonomia das Principidades do Danúbio dentro do Império Otomano era reconhecida (na prática, elas se tornaram independentes) e a livre navegação no Mar Negro e nos Dardanelos era garantida.

As consequências da guerra para os beligerantes variaram bastante. De forma geral, a Rússia foi a grande perdedora. Sua expansão em direção aos Bálcãs foi detida e sua inferioridade militar em relação às Potências europeias ficou bastante clara.

Buscando reduzir as disparidades entre a Rússia e o resto da Europa, Alexandre II promoveu diversas reformas nos anos seguintes, sendo a mais importante a emancipação dos servos, em 1861. Ele também iniciou um programa de modernização das suas forças armadas(20).

Abalada pela opinião pública desfavorável diante da incompetência e falta de higiene generalizadas, a Grã-Bretanha promoveu várias reformas. O serviço de saúde foi reorganizado, sendo instituído um corpo de enfermeiras. Foi abolida definitivamente a venda de patentes de oficiais para membros da nobreza, sendo estes postos reservados para soldados profissionais promovidos por mérito(21). Os novos armamentos (rifles de cano raiado, navios com casco metálico) foram adotados, não sem uma certa relutância.

A França voltou a ter um papel internacional de destaque, o que não acontecia desde o início do século XIX. Encorajado pelo sucesso na Crimeia, Napoleão III buscou cada vez mais influenciar a política europeia, o que levaria quinze anos depois à guerra com a Prússia, à criação da Alemanha e ao fim do Segundo Império francês.

18 KEEGAN; WHEATCROFT, *Who's who in Military History*, p. 213.

19 FIGES, *Crimea*, p. 397–400.

20 Ibid., p. 446–452.

21 Ibid., p. 469.

(continua)

Como consequência do seu ultimato, a Áustria abandonou seu bom relacionamento diplomático com a Rússia e ficou praticamente isolada. Durante a década seguinte, a Prússia praticamente eliminou a influência austríaca nos estados alemães, culminando com a guerra de 1866, na qual a Áustria foi rapidamente derrotada e não teve nenhum país que a apoiasse.

Tendo lutado do lado vencedor, a Sardenha teve a oportunidade de atrair a simpatia das grandes potências europeias para a criação de uma Itália unificada sob seu controle, acusando a Áustria e Nápoles de tiranias opressoras.

Pouco depois do fim da Guerra da Crimeia, a Sardenha iniciaria o movimento do Risorgimento, com apoio ativo da França e neutralidade amistosa da Grã-Bretanha(22).

Por fim, o Império Otomano continuou sendo garantido pela França e pela Grã-Bretanha, mantendo viva a “Questão do Oriente”. Mesmo com as tímidas reformas do Tanzimat (“Reorganização”)(23), os otomanos continuaram muito atrasados em relação ao restante da Europa e tornaram-se ainda mais dependentes dos investimentos franceses e britânicos. A tradicional tolerância com os súditos cristãos do Império foi diminuindo e surgiram novas revoltas em diversas regiões, estimulando movimentos de independência e avanços dos austríacos nos Bálcãs. A expansão da Sérvia e a independência da Romênia e da Bulgária levaria a novas ondas de instabilidade na região, revoltas na própria Turquia e guerras entre as novas nações. Mais de meio século após a Guerra da Crimeia, um confronto entre Áustria e Sérvia desencadearia a Primeira Guerra Mundial.

4 BIBLIOGRAFIA

BARHAM, John. A journey through the Crimean War (chapter 1). Crimean War Research Society. Disponível em: <<http://cwrs.russianwar.co.uk/cwrs-R-jbarhamchapter01.html>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

CRIMEAN War Research Society - Chronology of the war. Disponível em: <<http://cwrs.russianwar.co.uk/cwrs-chronology.html>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

FIGES, Orlando. Crimea: the last crusade. London: Penguin Books, 2011.

GRANT, Larry A. Battle of Kinburn (October 17, 1855). In: Russia at War: from the mongol conquest to Afghanistan, Chechnya, and beyond. Santa Barbara, CA: ABCCLIO, 2015, v. 1, p. 418–420.

KEEGAN, John; WHEATCROFT, Andrew. Who's who in Military History: from 1453 to the present day. London: Routledge, 1996. (Who's who series). KINROSS, Patrick B. The Ottoman centuries: the rise and fall of the Turkish empire. New York: Perennial, 2002.

KOHN, George C. (Org.). Dictionary of wars. 3. ed. New York: Facts on File /Checkmark Books, 2007. (Facts on File library of world history).

MAWSON, Michael H. Military operations of the Crimean War: a brief summary.

Crimean War Research Society. Disponível em: <<http://cwrs.russianwar.co.uk/cwrsoverview.html>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

OLIVA, Gianni. I Savoia: novecento anni di una dinastia. Milano: Mondadori, 2009. (Oscar Storia, 182).

PALMER, Alan. The Penguin dictionary of modern History, 1789-1945. 2. ed. Harmondsworth, UK: Penguin Books, 1983. (Penguin reference books).

TENNYSON, Alfred. The Charge of the Light Brigade. In: Maud, and other poems. Project Gutenberg. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/cache/epub/56913/pg56913.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

WEIR, Stephen. O Departamento de Guerra contra a Dama da Lamparina: doença na Crimeia. In: As piores decisões da História e as pessoas que as tomaram. Rio de Janeiro: Sextante, 2014, p. 73–77.

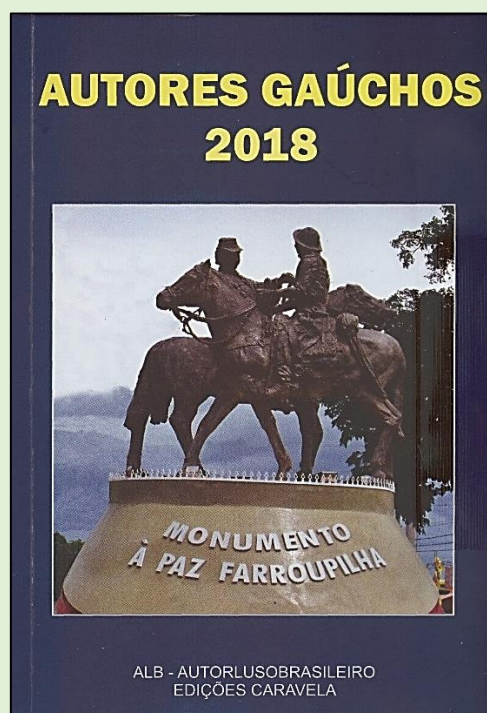
22 OLIVA, Gianni, I Savoia: novecento anni di una dinastia, Milano: Mondadori, 2009, p. 389–390.

23 KINROSS, The Ottoman centuries, p. 473–480.

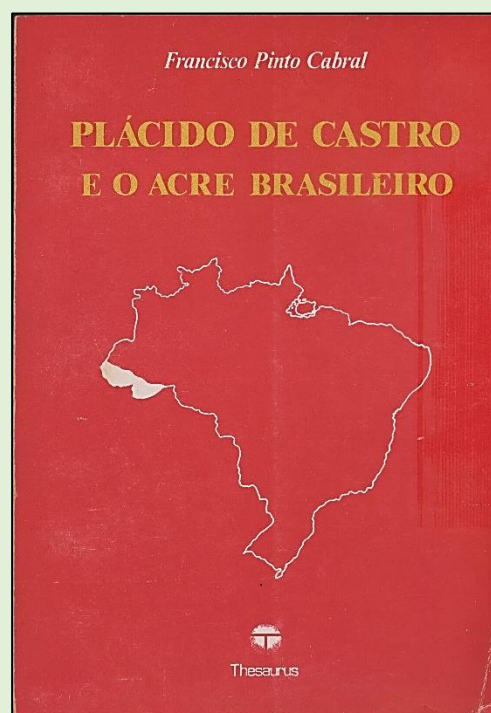
LIVROS RECEBIDOS POR DOAÇÃO E QUE ESTÃO À DISPOSIÇÃO DOS INTEGRANTES E AMIGOS DA AHIMTB/RS



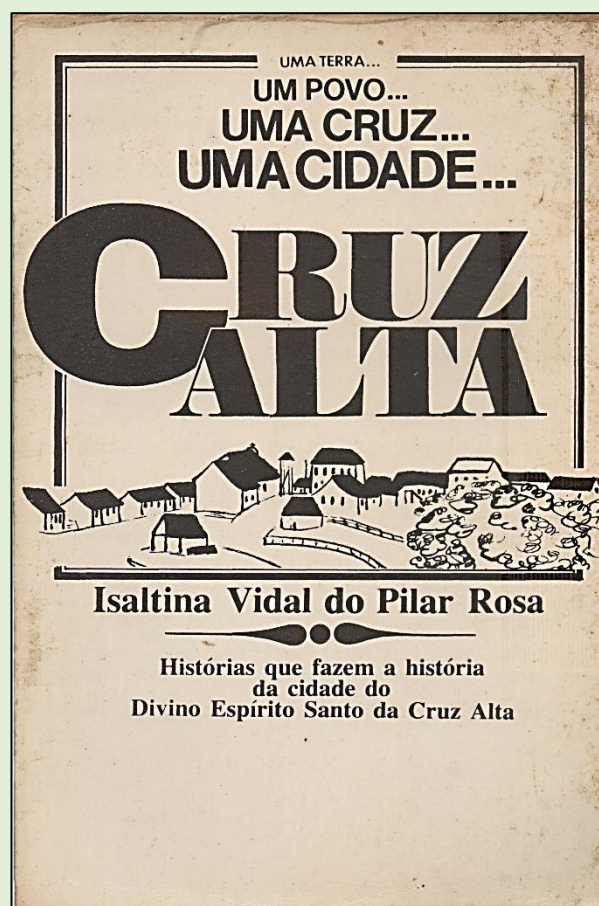
SOUZA, Luciano Lopes de. Blindados no Exército Brasileiro. Santa Maria: Pallotti, 2010.



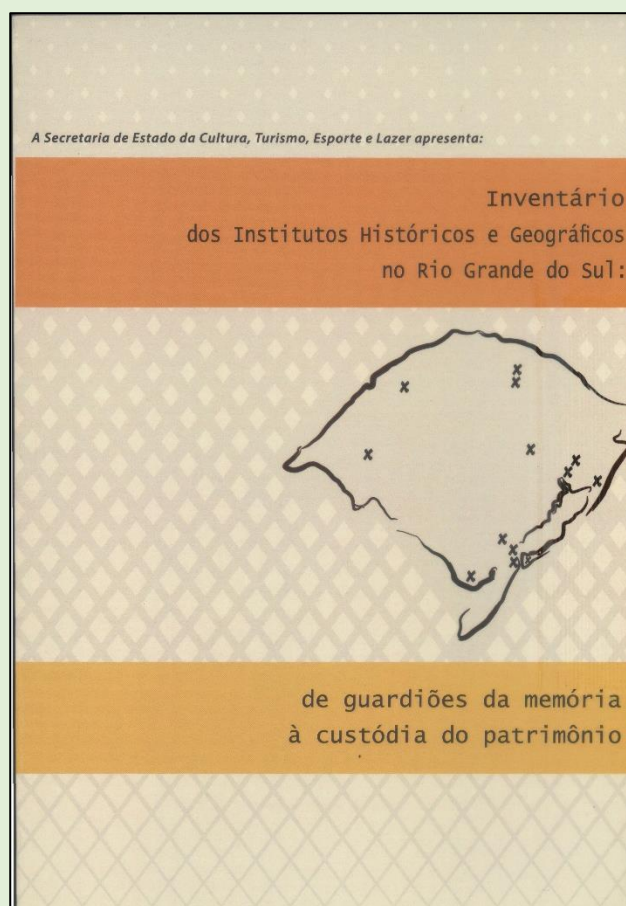
SOARES, Antonio (org.). Autores Gaúchos 2018. Porto Alegre: Edições Caravela, 2018. (Contém um trabalho do Membro-Efetivo Ênio Kersting Corrêa chamado "Projeto Stargate").



CABRAL, Francisco Pinto. Plácido de Castro e o Acre Brasileiro. Brasília: Thesaurus, 1986. (Livro doado pelo Gen Edson de Oliveira Goularte)



ROSA, Isaltina Vidal do Pilar. Um Povo, uma Cruz, uma Cidade...Cruz Alta. Rio de Janeiro: Tipo Editor, 1981.



CAMPOS, Vanessa Gomes de (Org); Instituto Histórico e Geográfico do RS. Inventário dos IHG/RS: de guardiões da memória à custódia do patrimônio. Porto Alegre: IHGRGS/Sec Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer, 2018.

**X ENCONTRO DE HISTÓRIA SOBRE A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA, EM ASSUNÇÃO, PARAGUAI
- PARTICIPAÇÃO DA AHIMTB/RS ATRAVÉS DA DELEGACIA SGT ZEFERINO CREPALDI, DE CRUZ
ALTA/RS**

Balizados pelo movimento de renovação da História Militar que vem ocorrendo mundialmente e especialmente no Brasil, a Delegacia da Academia de História Militar terrestre do Brasil/ Clube de História EASA marcou presença no X Encuentro Internacional de História sobre la Guerra de la Triple Alianza.

Este evento buscou congregar acadêmicos, docentes, estudantes e pesquisadores da História Militar da Guerra da Tríplice militares e civis.

Tudo com a proposta de buscar a articulação do campo da História Militar, tratando da pesquisa na área, das problemáticas referentes ao objeto da História Militar, seus métodos e técnicas de pesquisa, suas relações com outras dimensões da História e com outras disciplinas como a Sociologia, a Antropologia, a Ciência Política, bem como da utilização dos arquivos militares e institucionais no Brasil e no Cone SUL (Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai)

O objetivo destes Encontros tem sido o de consolidar a História Militar como área de pesquisa interdisciplinar, plural e polifônica, visando congregiar as diferentes perspectivas de pesquisas acadêmicas em andamento.

No próximo ano (2019), o Encontro acontecerá no Brasil na cidade de CORUMBÁ - MS.

A seguir, imagens do evento e da participação, lembrando que o Gen Bergo e o Cel Rossi Machado são acadêmicos e o Ten Gustavo Freitas, Sgt Ramón e Sr. Mintegui são Membros-Efetivos da AHIMTB/RS.



Ten Gustavo Freitas, o historiador paraguaio Eduardo Nakayama e o Sgt Ramón



Sgt Ramón, o Gen Bergo (Ch CEPHiMEx) e o Ten Gustavo Freitas

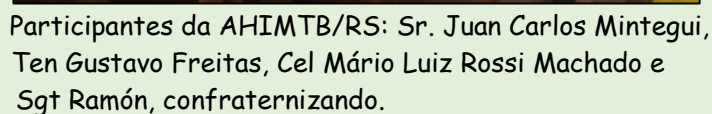
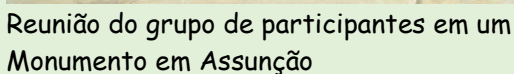


Imagem do evento



O Ten Gustavo Freitas e o Sgt Ramón

(continua)



HOMENAGEM A ACADÊMICO

Em 30 de novembro passado, a Câmara de Vereadores de Bagé, RS, concedeu a Comenda Átila Taborda ao Dr. José Carlos Teixeira Giorgis, acadêmico da AHIMTB/RS e ocupante da Cadeira Especial que possui o mesmo patrono, o Historiador Dr. Tarcísio Antônio Costa Taborda, já falecido.

Em nome da AHIMTB/RS, externamos ao prezado acadêmico os nossos cumprimentos pela justa homenagem.

X-X

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br e

www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>